

se pode crer no catholicismo dos segundos, é de se temer que estejam, como disse Santo Agostinho, a provar de modo indirecto a divindade da Egreja. Certo não ha peor inimigo que vive sob o mesmo tecto.

Pens nos livre de indifferença. Ella é, senão o inferno, pelo menos a sua mais larga porta.

A esse mesmo Pedro II, de que falamos atraz, eterno conselheiro de commodações immoraes, quando um dia tambem a D. Antonio de Macedo Costa aconselhava uma dellas, este assim lhe respondeu:

«Meu Senhor, ha certas occasiões na vida em que um homem, para conservar a sua honra, a dignidade de seu character, é forçado a dizer: sim ou não; se declina, se emudece, se procura manter um «mezzo termine» impossivel, é um miseravel, é um covarde, que só merece o desprezo dos homens honestos».

É desta ordem os mestres que ouvimos. Todas as vezes que, no Brazil, houver quem pregue a Revolução, nós, como catholicos, sabemos de que lado é de nosso dever ficar e combater e não só com reticencias e ambiguidades, com meias palavras e conselinhos idiotas, mas com franquesa, claramente, duramente, se quizerem, com todas as nossas energias, com toda a dedicação, de que nos sentimos capazes.



GUERRA JUNQUEIRO

Espalhou-se pelo mundo, dizemos pelo Brazil, a noticia de que o autor da «Morte de D. João» se tornara catholico. A noticia appareceu com taes visos de veracidade que aqui mesmo nestas columnas lhe demos agasalho.

Agora surge o desmentido. A um jornalista que o foi entrevistar, o grande poeta respondeu: «Eu nunca pensei em me tornar catholico. Ha ali um erro de interpretação», e adiantou que «o catholicismo é grande pelo que nelle se mantem de christianismo»; mas acrescentou essa tirada magistral: «Sou um cren-

te, creio em Deus. Mas não abdicoo do meu raciocinio. E o meu raciocinio combate os erros da Egreja, que foram muito graves».

A serem verdadeiras estas declarações — e nós não temos nenhum interesse em lhes contestar a authenticidade — si houve alguma mudança no pensamento deste homem não foi lá muito consideravel. No fundo elle se mantem livre-pensador, irreconciliavel com a sua mãe espiritual, a Egreja, posto que agora lhe falte animo para insultal-a, como fazia nos ardorosos tempos da sua mocidade.

Isto pelo que respeita á fé. No que importa ás idéas continua ainda confuso, diffuso e sobretudo imbecil. Pois então para se ser catholico será necessario «abdicar» do raciocinio? Não teria o Sr. Guerra Junqueiro ouvido falar que Pasteur era catholico?

E porventura era um homem sem raciocinio?

Não teria ouvido dizer que Ampère era catholico?

Seria tambem o grande sabio um individuo sem raciocinio? Não terão raciocinio um guerreiro como Foch, um -cientista como Branly, um pensador como José de Maistre, um sociologo como Goyau, um litterato como Henri Bazin, e muitissimos outros, catholicos intellectuaes e de acção?

Veja-se ainda, o ridiculo desta pretenção: pois não é com o seu raciociniosinho que elle pretende combater a Egreja, esse mesmo indigente raciocinio impotente até na ordenação dos phenomenos mais ordinarios do mundo exterior! Pois não foi com o seu raciocinio que encheu o famoso poema «D. João», de contradicções chocantes como esta: «um silencio sepulchral» ao mesmo tempo que...

«...os vagalhões do mar no monstruoso abismo cantavam entre si, frementes, soluçantes?»

A obra de Guerra Junqueiro é toda assim. Muito brilhante, de uma extraordinaria plasticidade verbal e de uma riqueza emotiva que leva mesmo ao deslumbramento.

Assim, no que concerne aos attributos da imaginação, é de uma rara opulencia.

Porem quanto ao que diz respeito a pensamento é falho até no simples encadeamento logico das idéas.

E no entanto ao que diz o mesmo jornalista informante, Guerra Junqueiro dá a ultima demão num systema philosophico que concebeu em tres mezes de penosas elocubrações.

Agora é esperar um pouco porque não tarda a exposição desse novo systema com que o poeta espera revolver o mundo. Esperemos, pois

que ao que parece, a cousa não deve demorar.

Si entretanto a amostra podesse autorizar um julgamento previo — e a amostra aqui é a entrevista a que nos reportamos — oh! esse julgamento não seria dos mais lisonjeiros...

Cumpra entretanto esperar.



OS «MAFUAS»

Como prometteramos no numero passado, fizemos uma visita a esses centros de diversão popular, só nos tendo sido possivel porem observar o do Engenho de Dentro e o da rua 24 de Maio, no Rocha.

Lealmente confessamos que não vimos em que se possam apoiar as accusações feitas aos «mafuas», principalmente a estes dous, que, no momento em que os visitamos, regorgitavam de gente, correndo entretanto os festejos em plena ordem, não obstante o defficientissimo serviço de policiamento.

Se alguma cousa podessemos aconselhar aos responsaveis por taes diversões era que aproveitassem o favor publico, que deve produzir renda consideravel, melhorando sob muitos aspectos o local em que funcçionam, introduzindo novidades que podessem agradar e ao mesmo tempo instruir, imprimindo um certo gosto artistico ás barracas, etc.

Provavelmente ainda voltaremos a tratar do assumpto, mesmo porque esperamos visitar os outros «mafuas».



LITTERATURA IMMORAL

Vimos, ha poucos dias, todos os jornaes desta Capital clamarem indignados, e justamente indignados, contra a venda de folhetos, em que individuos das mais baixas camadas sociaes fazem, de tempos para cá, a torpe exploração de todos os casos sensacionais na vida da nossa sociedade. Assim fora pelo assassinato de um senador federal, protagonista de uma scena realmente escandalosa, assim foi agora no caso em que foi victima o Dr. Arnaldo Quintella, e em que só havia que lastimar a sorte do distinctissimo medico. Nem